

"Oficina" - Livro de poesia 1

F. R. Sampaio

É um livro de poesia, da boa e genuína poesia. Antologia que se tece de versos de cinco poetas.

Seu nome é de inspiração parnasiana.

Quem, ao deletrear "Oficina" na capa do livrinho, não se lembrará de Olavo Bilac na "Profissão de Fé?"

"Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Dó ourives,

Saia da oficina

Sem um defeito"

são os versos bilaquenses ou bilaquianos (que eu com certeza estropio aqui, pois os estou citando de memória) que o título do livro evoca da nossa retentiva.

Mas o livro é bem moderno na forma e na cor.

Versos amorosamente trabalhados.

Seus autores estão de parabém, merecem o nosso aplauso. A arte, para eles, é algo de muito sério, transcendente mesmo das possibilidades meramente humanas.

Daí a insatisfação permanente do poeta diante do que compõe. O verso é seu martírio e seu enlevo. Pródigo de amor com a sua arte e avaro de seu martírio - eis o mote ou lema que os poetas de "Oficina" bem podem insculpir no seu brasão de armas, ou gravar no seu ex-libris.

Nos versos deles há borrifos dos rorejos divinos, de que brota a rosa e o lírio, e a pureza espantada da criança que vê pela primeira vez, incontaminada, entre encantada e surpresa, os seres e as coisas que Deus criou, quando, então, viu extasiado que tudo era bom. Pela poesia, com a poesia, louvado Deus, a criança, que é o poeta, o poeta, que é a criança, introvê nas coisas resplandores sinfônicos, úsneas leves de ninho, águas correntes e sedas ruje-rugindo com saudoso tom. A nossa vida é na essência saudade...

Contemplação desinteressada a do poeta, para a qual tudo são graças e alumbramento. Acende-se e queima o poeta das coisas que o envolvem, qual círio ardendo nas aras da surpresa.

O poeta desintegra as coisas para deleite seu e brinco, e sua introvisão pessoal, ingênua e pura, as alça à categoria do poético.

Beatífica visão. Peculiaríssimo jeito de refletir a vida. De cosmoever.

São estes os poetas de "Oficina". Heládio Brito, Régis de Moraes, Carlos Rodrigues Brandão, João Francisco e Pedro Mossri.

Heládio faz da palavra-som o fio de ouro com que brosla o seu lindíssimo broslado no bastidor em que prende esticado o pano do seu poema.

Composições como "Da pomba", "E vesti-me depois como a um menino", "Pastoral", "Paisagem 1956" são definitivas. O soneto "Escrito na insônia" que lembra um pouco, na estrutura, "O senhor interior" de Campos de Figueiredo, pede meças aos melhores sonetos da nossa literatura contemporânea.

Que belíssimo poema "O Rio!" e que imagismo admirável o dele!

Heládio é alma privilegiada, engenheiro do verso, brigador com a palavra e paladim da expressão áziga e única.

Régis de Moraes apresenta-nos versos em que ombreia com Castro Alves quanto à medu-

la deles, sem o estilo retórico do baiano imortal. Nele se me não engano há lembranças de Frei Beto e de Tiago de Melo.

"Primeiro Informe", versos com que abre o seu compartimento no livro, dá-nos inveja da sua querência mineira, tais os filtros com que nos pinta o seu pago, de onde veio, diz ele, "com meus pés, só com uns espelhos e meu embornal de poesia".

Em seguida vem "Cinco cantos de Habacuque", que a olho se vêem atuais e certos. Leia-se o final do primeiro canto:

"Entre as munhecas de arbítrio

Apodrece a dor dos dias

"Nuestro dolor" inclui-se na linha dos "Cantos de Habacuque"

Tudo muito bem, harmonioso e grato a nosso sentido de ouvir, de ver, de tatear, de provar e de olfatar...Eu quero dizer: a musa regiana bole com todo o nosso ser.

Carlos Rodrigues Brandão é o canoro pássaro de "Santa Clara" Memória de" e outras cantigas. "O poema caça" é a sua ARS POÉTICA:

"O poema é a vontade
da armadilha da palavra
é quem a desvela é é
a sua abracadabra"

"Canta quando dança" é uma barcarola medieval de graciosa singelez, em que cada estrofe prende com uma deixa de estrofe anterior até o fim. É a isso que a poética medieval dava o nome de leixapren. Ou paralelismo Brandão é difícil. Lembra João Cabral de Mello Neto.

E por penúltimo em "Oficina" vem João Francisco (Duarte Júnior).

Cultiva também o humor. "Poeminha universitário" é chistoso e epigramático da incultura dos alunos dos nossos cursos superiores e quiçá da extemporaneidade de certos poetas que escrevem como antanho. "Paisagem", "Anunciação", "Idade" são de bonito efeito.

E finalmente vem em "Oficina" Pedro Mossri com vários poemas, dos quais destaco: "Acontecimento Prosaico", "Paisagem 45" e "Construção".

"Acontecimento Prosaico" é uma estória divertida para quem a lê libando os versos como o colibri as flores, ao de leve e a fugir, ou como abelha volitando e zumbindo.

Mas profundai-lhe a trama. Achareis na raiz uma nota melancólica de desencanto de si consigo do poeta.

"Oficina" é livro bom. As vezes sacrifica nas aras do hermetismo, e isso me agrada menos. Outras vezes tem excessiva preocupação com achados fonéticos-semânticos, e homonímias ou trocadilhos. Submete a palavra a uma tomografia que lhe secciona a forma e o sentido rebuscadamente. Tesconjunro!

É o caso, por exemplo, de sei-O rimar com seio

Ainda às vezes, como faz Heládio Brito, sacrifica indevidamente, a ortodoxia gráfica à rima. Assim escreve ele *ropa*, rimando com *estopa*. Amarrio em lugar do correto *amarrilho*. E sem razão, que *roupa* é consoante perfeito de *estopa*. E *amarrilho* é rima para *rio*. Por que, pois, o plebeísmo *amarrio*? e a cacografia *ropa*?

"Oficina" não acentua nunca o verbo pôr, E restou raros reflexos é sintaxe francesa, não vernácula.

CMP 1.2.2. 173

Diário do Povo - 9-IV-1982